

RELATÓRIO

VIAGEM À ÁREA CINTA LARGA

data: 11/10/90

Pessoas que participaram: Índios Arara: Anita, Rodrigo, Gracile ne, Raimundo; pessoas do Grupo de Apoio ao índio: Antônio e Irma Lourdes e mais da equipe paroquial: Irma Adelaide e Pe. Mário.  
Os índios Osmar e Claudio também estavam planejados para ir mas na última armanjaram desculpas.

Antecedentes: Estamos tentando entrar na A.I. Cinta Larga desde o ano passado. Nossa viagem de 30/12/89 fracassou por causa da malária. Na véspera do Natal, combinamos com Naki realizar a viagem dia 06/01/90. Devido a problemas no Toyota chegamos às margens do Rio Branco após o horário marcado. Encontrando Parakida, 5ª feira depois, ele nos chamou de mentirosos porque não viemos. Afirmou que nos esperaram cedo: - " Por que fala mentirosos ? " - " Eu lá esperando, sábado e você não veio."

Parakida falou também que foram até à área Arara e não encontraram ninguém.

Planejamos nova entrada para 06 a 17/06 com Frei Volmir, mas este não chegou. Em contato com Naki aqui na cidade em casa de Valdeir garimpeiro, porque não conseguimos outro local, lhe fizemos a proposta de visitar as aldeias e ver como está a escola. Ele ficou indiferente. Disse que tem Luciano que é professor. E que não precisa. Anita Arara tentou falar no rádio mas não conseguiu acertar nada.

09/10/1990- Somente nesta data os caciques Arara conseguiram conversar com Naki e acertaram a visita. Vieram bem contentes trazerr a notícia e ver a possibilidade de conseguir um carro da Paróquia.

Naki sugeriu que viessem com Paulo da FUNAI, que estava para vir, mas Anita disse que não viajava com este doído. Procuramos saber se haviam falado no nosso nome. Disseram que sim e que Naki disse que podia vir junto.

Estrada: Até ao rio Branco já mais antiga, e os 25 Km dentro da Área são ruins, há muitos atoleiros. A mata é intacta, lindíssima.

Recepção: Naki, o cacique geral, recebeu bem o casa Arara. Cumprimentou os demais querendo saber quem era cada uma das pessoas. Teve mais desconfiança de Pe. Mário e mais tarde mandou outro índio perguntar-lhe: - "Quem é você ? "

O cacique conversou e interessou-se pelos Arara, mas a nós outros tratou com indiferença. Ficamos sem almoço. Pouco depois de nossa chegada já falou que viriam à cidade e que poderíamos voltar junto. Logo ofereceu levar-nos ao Baixão, onde é o garimpo a 1.000 m da aldeia. Fomos no nosso Toyota e eles nos deles, carregado de gente. Lá foi falar com o pessoal das máquinas e pouco tempo depois já voltaram sem nos dizer nada. Reunimo-nos também e voltamos. Havíamos conseguido falar com a mulher de Piauí, Manuel Tubarão, Zélope cacique de Serra Morena e garimpeiros que nos ofereceram café.

Falamos com Anita que peddisse para tirar umas fotos. O cacique não consentiu.

A ALDEIA: É peguna. Ali é sede da FUNAI e a Escola. Há um enca-  
namento de água que jorra continuamente. É desta á-  
gua que utilizam para o consumo caseiro, lavar roupa e banho.  
A aldeia é próxima à pista de pouso. Há algumas mangueiras, mas  
nenhum sinal de roças.

o POVO: Estavam todos reunidos perto da casa de Naki. Quando  
conversamos com esse cacique, Anita e Rodrigo ficaram  
dentro de casa, ele sentou na porta e nós ficamos do lado de  
fora. Não nos convidou a entrar. Vieram alguns homens e ficaram  
atrás de nós, um deles portava um revólver. Apenas o cacique  
de Serra Morena deu um passo à frente e se envolveu mais na con-  
versa. Naki repetiu muito: "Aqui índio trabalhar muito, branco  
não, branco so roubar e enganar." Falou também em comprar um to-  
yota novo, comprar máquina, que vão agora trabalhar com índio  
de Serra Morena. Citava também de vez em quando: "peão meu..."  
Na conversa percebemos que os representantes Arara tinham como  
objetivo pedir serviço no garimpo. Apresentaram Nonato que esta-  
va junto e falaram de João, Claudio e Osmar. Naki aceitou.  
Estava no meio deles o prof. Luciano, mas bem indiferente. Disse  
que não é da FUNAI, que trabalha voluntariamente.

CACIQUES DE SERRA MORENA: Estava Lampeão, cacique geral, Zélope  
e mais um capitão alto em estatura. Estavam aí com dois Toyo-  
tas, enquanto os do Ouro preto não têm nenhum. Estavam acerten-  
do para vir trabalhar aí, haviam chegado no dia anterior. Soube-  
mos por Zélope, que fez uma boa conversa, que na Serra Mirena  
também há garimpo. Mas não deixou claro porque querem vir ao Ou-  
ro Preto.

O GARIMPO: Até Julho/90 o garimpo Ouro Preto estava sob as or-  
dens de Valdeir. Soubemos por garimpeiros que ele tra-  
balhava para alguém de Porto Velho ou Cacoal de onde semanalmen-  
te vinha o avião para buscar ouro.

Quando os índios perceberam que estava saindo ouro e  
eles estavam sem nada, exigiram um toyota. Prenderam o avião.  
Então o pessoal prometeu: "Toyota já está comprado em Cacoal".  
Levaram de avião Naki e outras lideranças, ofereceram churrasco  
e festa em Cacoal. Enquanto isso, no dia 16 de julho retiraram  
todo o maquinário. Ao voltarem, os índios até notaram falta da  
máquina própria deles e vieram procurar Valdeir em Aripuana, mas  
este já havia fugido a Alta Floresta. Procuraram a mulher. E-  
la estava na cidade, se escondeu e não a encontraram. Mais tar-  
de seguiu o marido.

Algum tempo depois, Naki viajou a Vilhena de onde  
trouxe o índio Manoel Tubarão para garimpar, pois tinha máquina  
e prática. Logo em seguida, deixaram entrar o garimpeiro Piauí  
com uma máquina e aos poucos foram entrando peças para trabalhar.  
Outubro: Dois dias antes de nossa viagem entrou o trator de es-  
teira de Geraldo e seu filho Ivo Rex; o gerente deles em Aripu-  
aná é Olivio e trabalha junto Ozimo Chikuett. Eles vem de Trom-  
budo Central - SC, são um grupo de alemães que tem empresas  
diversas de peças de carro e trator, estufas e Parafusos. Compra-  
ram terras do Dr Luis Medeiros com os garimpos do Mocotó, Boroca  
e outros. Ozimo chegou na A.I. enquanto estávamos lá, no mesmo  
toyota veio também Valter Schutz de Vilhena com interesses de  
se instalar; conversamos com os dois. Na estrada de volta, en-  
contramos o caminhão dos alemães com 06 homens e carregado de  
materiais de garimpo. Tudo indica que o garimpo vai ser re-ati-  
vado com muita força.

Mulher do Piauí: Conversamos com ela. Disse que a porcentagem  
de contribuição é incerta. às vezes Naki pede 10% outras 1% e  
pode ser 40%. - Mas damos certinho como ele pede, ele é bobo."

Conclusão: Verificamos que um grande problema indígena com Naki em não  
reconhecer dinheiro. Se problema indígena com Naki em não

Conclusão: Verificamos que um grande problema é que Naki não sabe ler e nem reconhecer dinheiro. Só dois índios conhecem e poderiam controlar uma balança. Por isso está aberto o caminho para o engano e o roubo e cada vez maior desgraça. Por várias coisas que a gente está escutando não está tão tranquilo lá dentro e um garimpeiro falou aqui na cidade: " desta vez estamos preparados com armas, não vamos deixar nos expulsar pelos índios."

Luciano, o professor: À noite, no telefone encontramos Luciano. Os índios estavam perto na padaria do Pio. Através dele conseguimos mais alguns dados, mas antes ele quis saber se a gente era a favor ou contra os índios.

Ele é de Cacoal, é futuro cunhado de João Andrade, Administrador e Enfermeiro no P.I. do Ouro Preto. Já trabalhou em Tenente Marques. Diz que não é da Funai. Trabalha numa situação improvisada. Antes Valdeir lhe pagava algo, mas agora está sem receber. Quer entrar em contato com a prefeitura para oficializar a Escola. Disse que queria arranjar pagamento com Naki mas não conseguiu. - "Imagina hoje prá eles viajarem, ele foi de máquina em máquina pedindo uma grama de ouro. Eles até debocham dele. Piauí foi quem deu."

- E há muitos alunos? - São poucos. Um dia vem outro não.

- A aula é bilingüe? - Não

- Como você vê a situação de garimpeiros lá dentro?

- Muito difícil. Tenho que estar com os garimpeiros e com os índios. A gente está até em perigo de vida. Agora quando João não estava e eu também durante as eleições deixaram entrar o trator de esteira. Estou com a cabeça quente, não sei nem o que fazer.

- Esse trator é de empresários, não seria melhor eles fazerem negócio com pessoas mais simples, gente conhecida de Aripuanã?...

- É muito difícil os índios se deixam levar na conversa. Quando Inês dava um anzol para cada um deles poder pescar, o garimpeiro vinha e dizia: eu gosto mais de vocês, eu dou uma caixa para cada um. Os garimpeiros competem com a gente.

- Perguntamos se está a par do Encontro de Formação para monitores indígenas em Vilhena. Ele disse que não. Acertamos para lhe mandar a data e o local com alguém que vai para o garimpo.

Luciano informou ainda sobre a questão de Parakida. Ele está contra o garimpo e por isso foi colocando tranqueira na estrada para ninguém poder passar. Naki prometeu matá-lo. Então queimou a casa dele e foi mata adentro. ( são primos) Nasek, irmão de Naki, mora no Ouro Preto.

Aripuanã, 15 de outubro de 1990.

17/10 - Viajando à Castanheira, encontramos Luciano no ônibus. Informações colhidas: O grupo de empresários do sul, foi primeiro impedido de entrar por João e depois por ele. Em seguida, tentaram o índio Amaral de Serra Morena e este ajudou a fazer a cabeça de Naki. Veio com eles de Juina e foram juntos para dentro da área. Prometeram dar-lhes um toyota no próximo ano. Na cidade falam que os índios pediram que entrassem para debre-ar terra para eles e outros garimpeiros.

- Os índios estão falando em prender máquinas. Luciano os percebeu muito confusos. Alertou-os para um possível conflito e Naki falou: - Índio morrer bom. Luciano estava chateado e preocupado. Percebeu que não é mais bem aceito. Está indo a Cacoal entrar em contato com a FUNAI. Até ele tem medo. Não tem mais vontade de voltar. Assim ficou sem atendimento à saúde e escola.

## Outras informações:

- Escola são 14 alunos mas a frequência às aulas é muito fraca. Luciano foi até à prefeitura conversar com a Sra. Gladis pedir para oficializar a escola no próximo ano.

## Nº de moradores no Ouro Preto:

Fixos apenas Naki e Paulo com as famílias. Há o prédio da Escola, o Posto I. da FUNAI, a moradia de João e Luciano, somando todos os barracos são 10. Agora estão construindo mais um para segurança.

Retirada de Madeira

- Esta saindo muita madeira de Serra Morena e Tenente Marques. Luciano não citou madeiras, disse que são várias.

- A tentação de dentro da área Indígena e também de fora por parte de interessados em garimpo mudou o plano dos índios. Também a questão da sobrevivência: alimentação, saúde ...

Temos fé que vamos crescendo em amizade e diálogo com os índios e chegue o momento em que confiem em nós e possamos ajudá-los de verdade. Mas já é quase tarde...

23/10/90: Pelos índios Arara fomos informada que foi um caminhão ao Natalzinho ver mais máquinas para o Ouro Preto. Outra líder da Comunidade nos informou que Valdemar C. dono de uma madeireira já levou duas máquinas para dentro.

- Na casa de um dos motoristas dos alemães soubemos que agora os índios decidiram que ninguém mais entrará.

- Assim torna-se nítida a ganância e certamente muitos problemas e graves consequências vão surgir após e com esta invasão.

Aripuanã, 23 de outubro de 1990.

Do Grupo de Apoio ao Índio

*Catarina*  
Catarina Lourdes Christ

Ob.: Dia 31/10 já estavam dentro da Área  
18 Máquinas  
(Informação de um mecânico de Ariabá  
que vinha chegando de lá após consertos  
no trato de esteira.)